

NOTA DE APRESENTAÇÃO

JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA

Numa época dominada pela voracidade do tempo, parece fazer sentido a organização de um livro sobre *Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia*. O pretexto foi a jubilação de uma Professora da Universidade do Porto, Maria João Reynaud, depois de uma longa carreira docente na área da literatura portuguesa, ao longo da qual, como escreve Isabel Pires de Lima, se revelou «uma sensível e exigente exegeta de poesia, designadamente contemporânea, e uma aguda leitora da narrativa oitocentista», ao mesmo tempo que introduziu a disciplina de Crítica Genética.

O volume está dividido em duas partes. A primeira, intitulada *Memória e afinidades eletivas*, abre com um conjunto de textos que cinco importantes escritores portugueses dedicaram a Maria João Reynaud. Seguem-se doze ensaios sobre temas e autores caros à homenageada, como sejam o ensino da literatura, abordado por Maria Luísa Malato Borralho; a literatura como guardadora de memórias e a forma do diário, por Rosa Maria Goulart; a obra de Raul Brandão, por Álvaro Manuel Machado, Paula Morão e Clara Barros; dois momentos e uma face similar da produção de Herberto Helder, por Ana Paula Coutinho Mendes e João Amadeu Oliveira Carvalho da Silva; a *Ekphrasis* na poesia de Fernando Guimarães, por Luís Manuel Tarujo; o tema da genealogia, da filiação e da herança numa coletânea de contos de Maria Teresa Horta, por Maria Graciete Besse; o jogo genológico e a abordagem da velhice em *Passagens*, de Teolinda Gersão, por António Manuel Ferreira; a representação da amizade em Tolentino de Mendonça, por José Cândido de Oliveira Martins; e o volume *Câmara Escura*, de Inês

Lourenço, por Cidália Dinis. Na segunda parte, sob o título *Memória: permanência e rotura*, temos primeiro um conjunto de cinco poemas de Maria João Reynaud traduzidos para outras tantas línguas europeias por estudantes de mobilidade da Universidade do Porto. Seguem-se catorze artigos, sob temas diversos, mas unidos pela reflexão sobre a textualização da memória no período compreendido entre 1945 e 2015. Nos dois primeiros, de Daniel-Henri Pageaux e Fernando Castro Branco, o tema é o ensaio literário, tal como foi praticado por Vitorino Nemésio, David Mourão-Ferreira e Eduardo Lourenço, por um lado, e Maria João Reynaud, no segundo caso. Segue-se um longo estudo sobre a figura de Óscar Lopes, por Luís Grosso Correia, e um artigo de Ernesto Rodrigues sobre a epistolografia do outro coautor da *História da Literatura Portuguesa*, António José Saraiva. A abordagem dos mitos sobre a origem das guerras feita em 1945 por Vitorino Magalhães Godinho é o tema do trabalho de Nuno Bessa Moreira, ao passo que John Greenfield analisa o tratamento da matéria dos nibelungos na peça *Germania Tod in Berlin*, do dramaturgo marxista pós-brechtiano Heiner Müller. Os restantes oito artigos incidem sobre as literaturas portuguesa e brasileira: Isabel Pires de Lima trata o tema do amor, erotismo e falha em Eça de Queirós e Machado de Assis; José Rui Teixeira considera a obra de Mário de Sá-Carneiro numa leitura intertextual sobre o sono abúlico e a morte; Arnaldo Saraiva estuda as relações de Miguel Torga com o Brasil, ao passo que Francisco Topa aborda a velhice e condição feminina num conto de Lygia Fagundes Telles; a poesia de José Blanc de Portugal e a sua filiação no modernismo são o tema do trabalho de Fernando J. B. Martinho; Piero Ceccucci detém-se no *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago; Maria de Fátima Outeirinho fala dos viajantes portugueses de hoje na África lusófona, interrogando-se sobre os diálogos entre memória e presente; e Carlos Nogueira encerra o volume com um artigo sobre homossexualidade e homoerotismo na ficção de Valter Hugo Mãe.



Fig. 1. Mesa da sessão de abertura do Colóquio, num momento em que usava da palavra a Vice-Presidente do Conselho Científico, Prof.ª Paula Pinto

Na sua diversidade de temas, formas, tempos e métodos de abordagem, cremos que este alentado volume de ensaios confirma a importância do tema da *Textualidade e memória*, seja ele marcado pela permanência, seja ele definido pela rotura e pela controvérsia.



Fig. 2. Maria João Reynaud, na sessão de abertura do Colóquio

Porto, janeiro de 2018
John Greenfield
Francisco Topa

